# EM FOCO

A ECONOMIA portuguesa caiu 0,9 por cento nos últimos três meses de 2008 face ao trimestre anterior, indicando assim um cenário de recessão técnica no final do ano passado. Esta quebra do PIB no último trimestre do ano está subjacente à previsão do Governo de crescimento de 0,3 por cento para o conjunto do ano passado. A 13 de Fevereiro, o Instituto Nacional de Estatística divulgará a estimativa rápida das contas nacionais do quarto trimestre, onde constará a variação do PIB em cadeia (face ao trimestre anterior) e homóloga (em relação on mesmo período de 2007). A recessão técnica ocorre quando existem dois trimestres consecutivos de variação negativa em cadeia. No terceiro trimestre, a economia recuou 0,1 por cento. Para 2009, o Governo prevê um cenário de recessão, com a actividade económica a diminuir 0,8 por cento.

#### CRONOLOGIA

O ano de 2008 ficou marcado por um grave crise financeira, com origem alguns meses antes nos Estados Unidos, com a queda dos mercados de empréstimo imobiliários de risco ("subprime"), que se estendeu à economia mundial.

- 22 JAN 2008 O Banco Central norte-americano (Reserva Federal, ou Fed) baixa as taxas de juro.
- 17 FEV Nacionalização do banco britânico Northern Rock.
- 11 MAR Os bancos centrais procedem a uma injecção maciça de dinheiro nos mercados de crédito.
- $16\ \mathrm{MAR}$  Com a ajuda da Fed, o JP Morgan resgata o banco de investimento Bear Stearns a preços de saldo.
- 7 SET Os gigantes norte-americanos do crédito hipotecário Freddie Mac e Fannie Mae ficam sob a alçada da tutela.
- 15 SET Falência do banco de investimentos Lehman Brothers, um do pilares da Wall Street. A sua maior concorrente, a Merrill Lynch, é resgatada pelo Bank of America.
- 16 SET O governo norte-americano quase nacionaliza a seguradora norte-americana AIG, injectando uma ajuda de mais de 150 mil milhões de dólares.
- 25 SET A Irlanda torna-se o primeiro país da zona euro a entrar em recessão.
- 28 SET O banco belga-holandês Fortis recebe ajuda dos estados do Benelux. A 30, as autoridades francesas e belgas nacionalizam o banco Dexia.
- 3 OUT O Congresso norte-americano aprova um plano de ajuda aos bancos (Plano Paulson), orçado em mais de 700 mil milhões de dólares
- 4 OUT Mini-cimeira em Paris das quatro maiores potências europeias. Encontro termina sem acordo quanto a um fundo europeu de ajuda, anteriormente rejeitado por Berlim.
- 8 OUT Plano governamental britânico para recapitalizar os bancos. Os seis principais bancos centrais do Mundo baixam de forma concertada as suas taxas de juro.
- 10 OUT "Crash" da maioria das bolsas mundiais.
- 12 OUT O Eurogrupo acerta um plano de acção (garantias sobre os empréstimos interbancários, recapitalização dos bancos).
- 13 OUT Lisboa, Paris, Berlim, Haia, Madrid e Viena apresentam os seus planos nacionais para salvar os bancos. Alta espectacular das bolsas: o Dow Jones dispara 11,08 por cento. A 15, Wall Street experimenta a sua pior sessão de bolsa em mais de 20 anos (uma queda de 7,87 por cento).
- 24 OUT A OPEP reduz a sua produção para tentar conter a queda dos preços do petróleo. A crise financeira começa a alastrar-se a outros sectores da economia, nomeadamente no sector automóvel.
- **27 OUT** Bolsas asiáticas em queda: Tóquio no ponto mais baixo em 26 anos. A 28, o euro cai para o nível mais baixo desde Abril de 2006 (1,2328 dólares).
- 3 NOV Previsões da Comissão Europeia: recessão em 2008, crescimento quase nulo em 2009, número de desempregados aumentará dois milhões entre 2008 e 2010.
- 5 NOV Apresentado plano alemão para estimular economia.
- 6 NOV O FMI prevê uma recessão nos países desenvolvidos em 2009, a primeira depois do período do pós-guerra, e um crescimento mundial que não ultrapassa os 2,2 por cento.
- $7~\mathrm{NOV}$  Nos Estados Unidos, o desemprego dispara para os 6,5 por cento, o mais alto nível desde há 14 anos.
- 9 NOV Apresentado o plano chinês para relançar a economia.
- 12 NOV Washington desiste de resgatar os activos "tóxicos" dos bancos e decide investir directamente no capital destas instituições.

CRISE Como crescer em tempo de recessão ecnómica?

# Portugal volta a enfrentar o "Cabo das Tormentas"

O primeiro-ministro considera que à crise "sem precedentes históricos recentes" que se vive no mundo, o Governo precisa "agir com rapidez e vencer todas as ortodoxias".

preciso estar com a mente aberta para responder aos problemas e não para responder às necessidades da nossa ideologia. Precisamos ter mente aberta e não ficarmos reféns da ideologia ou das respostas clássicas, porque problemas novos exigem respostas novas", argumenta o primeiro-ministro.

José Sócrates considera que aos governos, confrontados com uma crise económica sem precedentes a nível mundial, são "exigidas respostas para amanhã e não para o médio prazo".

"Exige-se rapidez na acção. Provavelmente, ninguém estará interessado em saber o que acontecerá daqui a dois anos. E a verdade é que há boas razões para essa atitude, porque o Cabo das Tormentas, o momento mais dificil, vai ser justamente 2009", declarou, em recente reunião com um vasto grupo de empresários.

Além da crítica aos "condicionalismos ideológicos" e "às teias de aranha" da ortodoxia como possíveis soluções para a crise, Sócrates recusou também no seu discurso a atitude de prudência na acção perante a actual crise internacional. "Não podemos ficar reféns nem da ortodoxia nem da prudência, porque o que aí vem exige resposta com efeitos já este ano", contrapôs o primeiro-ministro, alegando que a sobrevivência de muitas empresas – e de muitos empregos – estará dependente de apoios que receberem ou não já a curto prazo.

"Para reagir a esta crise, que apenas se
vive uma vez na
vida, os governos
p r e c i s a m
igualmente de
ter um plano
com prioridades, que
seja orientador da acção ime-

diata. A prioridade das prioridades de qualquer governo responsável é estabilizar o sistema financeiro", sustentou.

### "Demagogia, populismo e irresponsabilidade"

Neste contexto, o primeiro-ministro fez um cerrado ataque "á demagogia, ao populismo e irresponsabilidade" das correntes da oposição que se insurgiram contra o seu executivo por ter adoptado um sistema de avales ao sector bancário. "Fizemos o sistema de garantias a pensar não nos banqueiros ou nos accionistas, mas nas empresas, nos empregos e nas famílias. É absolutamente espantoso que alguém considere que não era prioritário salvar o sistema financeiro. É lamentável, mas tenho de sublinhar estes princípios bási-

cos da economia", co-

mentou. Sócrates foi

mesmo ao ponto de

considerar que a

acção concertada da

União Europeia de

adoptar o sistema de

garantias aos bancos

"foi a que teve melho-

res resultados no

mundo" como respos-

ta á crise. "Não quero

pensar no que acontece-

ria nesta conjuntura se

a União Euro-

peia não tivesse o euro e se não tivesse adoptado o sistema de garantias. Tudo teria sido bem pior", sustentou.

#### Governo aposta no investimento público

O primeiro-ministro reafirmou que não vai baixar os impostos, preferindo apostar no investimento público para estimular a economia portuguesa. "Para a recuperação económica, penso que o estímulo que podemos dar é mais investimento público. Ao reduzirmos os impostos, isso significa que estamos a dar mais dinheiro às pessoas, mas não quer dizer que elas o vão gastar", defendeu José Sócrates.





O RISCO DE POBREZA e as desigualdades na distribuição dos rendimentos atingem em Portugal índices dos mais elevados da União Europeia, segundo o Relatório Conjunto de 2008 sobre Protecção e Inclusão Social. O documento, divulgado em Bruxelas, revela ainda que a população mais idosa (e especialmente do sexo feminino), as mulheres e as crianças são as mais atingidas. Não será realmente por acaso que o Banco Alimentar Contra a Fome de Lisboa é considerado um dos maiores da União Europeia... O Banco Mundial define a pobreza extrema como viver com menos de 1,25 dólares por dia. Todos os dias mais de mil milhões de pessoas vivem nestas condições de miséria deplorável. Em Portugal, uma em cada cinco pessoas vive no limiar da pobreza

CGTP Apelo à iniciativa das autarquias locais

# Recentrar a governação no interesse das pessoas

O secretário-geral da CGTP, Carvalho da Silva, apelou à iniciativa regional na procura de soluções de combate à crise, em especial nas zonas mais deprimidas do país.

preciso envolver todos os actores, nomeadamente o poder local, em ano de eleições", argumenta Carvalho da Silva, apelando a uma verdadeira "ofensiva regional de carácter novo para operações integradas que ajudem a resolver os problemas do país".

Perante as previsões do Boletim Económico de Inverno do Banco de Portugal (BP), Carvalho da Silva sublinhou que é preciso não insistir em "meias verdades" e colocar todos os problemas do país debaixo da crise internacional.

"Há problemas actuais da economia que têm uma natureza estrutural, não sendo mero fruto da crise internacional, mas sobretudo das fragilidades que o país tem por resolver", afirmou.



CARVALHO DA SILVA

Para Carvalho da Silva, as previsões do BP e o discurso do primeiro-ministro, José Sócrates, confirmam os cenários esperados "há bastante tempo" pelas instituições internacionais.

Desta forma, para a Intersindical, o Governo deve centrar-se nas medidas a adoptar para reanimar a economia e "recentrar a governação no interesse das pessoas".

É necessário ainda uma "mobilização de todas as forças económicas" para se encontrarem saídas, reforçou.

Carvalho da Silva alertou também para o facto de "ser preciso usar as disponibilidades que o país tem para investir na produção de bens e serviços úteis no actual contexto e não para recompor sistemas que são responsáveis pela actual situação, como o financeiro".

"O investimento tem de ser cuidadoso e destinado à produção de bens úteis", defendeu.

# Há empresas a abusar do discurso da crise

A UGT denunciou a existência de algumas empresas que estão a "abusar do discurso da crise", utilizando esse argumento para agirem "à margem da lei" e prejudicarem os trabalhadores com despedimentos ou salários em atraso.

"O discurso da crise tal como está a ser feito, usando e abusando do discurso da crise, está a criar instabilidade social e está a fazer com que alguns empresários, felizmente, simplesmente alguns, estejam a usar esse argumento da crise para tomar medidas e actuar muitas vezes à margem da lei, com salários em atraso, com recurso abusivo à suspensão de contratos ou encerramento de empresas", acusou o secretário-geral da UGT.

Segundo João Proença, está a assistir-se em Portugal a uma si-



JOÃO PROENÇA

tuação de "usar e abusar do discurso da crise", fazendo acreditar que "todas as empresas estão em dificuldade, que todas as empresas estão em crise e que todas as empresas têm de ser apoiadas".

"Isto não é minimamente verdade. Há empresas que continuam numa situação boa, há empresas que continuam sem qualquer tipo de problema e há algumas empresas que estão a ser afectadas pela crise", sublinhou

Nesse sentido, a UGT considera "fundamental" que o Governo tome medidas concretas junto do sector empresarial para que estas "não tomem medidas à margem da lei".

"Pedimos ao Ministério do Trabalho, e em particular à Inspecção-Geral do Trabalho, uma actuação muito vigorosa para combater todas as violações da lei, penalizando fortemente os empresários que actuem à margem da lei", afirmou João Proen-

#### CRONOLOGIA

- 13 NOV A OCDE anuncia para 2009 uma recessão de 0,3 por cento e uma forte subida do desemprego, nomeadamente na Europa.
- 14 NOV Alemanha, Itália e Hong Kong entram em recessão, a zona euro também, pela primeira vez na sua história.
- 15 NOV Em Washington, os grandes países desenvolvidos e emergentes (G20) comprometem-se a relançar a economia mundial através de uma reforma do sistema financeiro internacional.
- 17 NOV O Japão junta-se à lista dos países em recessão.
- 19 NOV A Islândia, no limite da asfixia económica, obtém um empréstimo do FMI e uma ajuda dos vizinhos nórdicos.
- 24 NOV Oficialmente em recessão, Londres anuncia um plano de retoma. A 25, são apresentadas nos Estados Unidos medidas destinadas a estimular o consumo e o mercado imobiliário.
- 26 NOV Plano de 200 mil milhões de euros da UE para estimular a economia.
- 1 DEZ Confirmação de que a economia norte-americana está em recessão desde há um ano.
- 4 DEZ O Banco Central Europeu baixa a sua taxa directora (a mais forte na sua sua história). Baixa histórica também no Banco de Inglaterra. A França apresenta um plano de relançamento (sobretudo investimento) para apoiar o sector automóvel.
- 5 DEZ O barril de petróleo, cujo preço baixou mais de 100 dólares desde Julho, quebra a barreira dos 40 dólares.
- 9 DEZ O presidente da Confederação da Indústria Portuguesa defendeu que a prioridade do Governo no próximo Conselho Europeu deveria ser insistir na disponibilização ágil das verbas comunitárias para fazer face à crise económica e financeira europeia.
- 10 DEZ O Governo adiou para Janeiro a apresentação da actualização do Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC), para reflectir o impacto económico-financeiro do pacote de combate à crise. A China, cujo crescimento abrandou no terceiro trimestre, regista em Novembro uma quebra nas exportações e nos investimentos estrangeiros.
- 11 DEZ O Sindicato Alemão do Metalúrgicos (IG Metall) propôs a criação de uma taxa sobre fortunas superiores a 750 mil euros para constituir um fundo de combate à crise financeira, que deveria acumular desta forma 100 mil milhões de euros.
- 13 DEZ O Governo português apresenta um plano de resposta à crise económica, que prevê 29 medidas para incentivar o investimento e o emprego, entre as quais a redução temporária da contribuição para a Segurança Social paga pelas empresas.
- 14 DEZ As medidas apresentadas até agora de resposta à crise que pretendem ajudar famílias e empresas vão custar 2.500 milhões de euros ao Orçamento de Estado para 2009, ou seja, 1,4 por cento do PIB português. Este conjunto de medidas, que também conta com fundos comunitários, envolve uma despesa total de 2180 milhões de euros.
- 15 DEZ Os principais grupos financeiros do mundo inteiro revelaram as perdas potenciais decorrentes da exposição a fundos de Bernard L. Madoff, investidor de Wall Street, admitindo terem sido apanhados nesta alegada fraude.
- 25 DEZ A rainha Isabel II apela aos seus súbditos, durante a sua tradicional mensagem de Natal, a "não se deixarem abater" pela crise económica e a encontrar nos laços familiares "a força" para lhe fazer face.
- 27 DEZ O economista Paul Krugman, mais recente prémio Nobel da Economia, acredita que o fim da actual crise está "distante" e antevê o surgimento de novos escândalos financeiros como o de Bernard Madoff e de mais nacionalizações de bancos.
- 30 DEZ A confiança dos consumidores norte-americanos caiu em Dezembro para o valor mais baixo de sempre devido ao agravamento das condições económicas no quarto trimestre e face às previsões de enfraquecimento do consumo em 2009.
- 31 DEZ O primeiro-ministro russo e o presidente da Comissão Europeia abordaram por telefone a crise nas conversações entre a Rússia e a Ucrânia sobre o gás e os possíveis problemas de circulação daquele combustível por território ucraniano, revelou o Kremlin.

# A "ciência dos mercados"

JOSÉ REIS, professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, considera "absolutamente crucial", para ultrapassar a conjuntura desfavorável, o investimento público em infra-estruturas e modernização. "A ciência, o pensamento económico de que dispomos, é altamente responsável por ter produzido a crise em que vivemos. Há uma responsabilidade do pensamento económico, do conhecimento técnico e dos economistas na crise. Temos de reflectir, pensar e criar uma alternativa à ciência económica dominante", argu- JOSÉ REIS menta o professor da FUEC. A



análise da responsabilidade do pensamento económico e do conhecimento técnico dos economistas na crise e de uma posição alternativa a esta, em que a economia "não se limite a ser a ciência dos mercados", foram questões em debate no seminário "A Economia e o Económico", realizado no Centro de Estudos Sociais (CES) da UC.

"A economia enquanto ciência tem de alargar o seu objecto: tem de estudar também as formas concretas como as pessoas e a produção se organizam, que factores culturais, sociais e políticos intervêm", sustentou o antigo secretário de Estado do Ensino Superior. Na perspectiva do investigador do CES, "a economia enquanto ciência tem muita matéria de que se ocupar e pode fazer melhor do que a ciência económica dominante". Deve preocupar-se, acrescentou, "com os próprios fins da riqueza, com a forma como as pessoas vivem e alcançam o bem-estar".

De acordo com o catedrático da FEUC, "na maioria das faculdades continua a ensinar-se Economia como se nada se tivesse passado nos últimos meses", acrescentando que "a crise será longa, seguramente de anos". Para José Reis, actualmente, "é absolutamente crucial o investimento público em infra-estruturas e modernização".

### **PROPOSTA**

# Porque não défice de 6%?

O EX-MINISTRO da Economia, Augusto Mateus, preconiza um programa de despesa pública "claramente orientado" para o futuro com medidas conjunturais que alterem os comportamentos pró-ciclicos dominantes na actual conjuntura. "Não há espaço para voltar ao passado, há sim espaço para aquilo que se chama o defice expending, ou seja, despesa suportada em défice", sustentou o economista durante um debate organizado pela consultora PriceWaterhouseCoopers. Para Augusto Mateus, perante um cenário de recessão e desaceleração



AUGUSTO MATEUS

mundial, é preciso tomar opções de política económica "a sério", "concentrada em resultados" e "com eficácia". Admite, assim, um programa de despesa pública orientado em três eixos: gestão urbana, eficiência energética e combate às desigualdades económicas. "Devem ser ajudados os sectores económicos que têm futuro e não aqueles que não têm futuro algum na Zona Euro", disse o ex-ministro.

"Se se admite um défice de quatro por cento, porque é que não se pode admitir um de seis por cento?", questionou.

## Recessão poderá ser prolongada

O BANCO de Portugal pre-

vê uma recessão para este

ano, mas os riscos de a con-

tracção ser mais acentuada

do que os 0,8 por cento ago-

ra estimados são elevados,

segundo o Boletim Econó-

mico de Inverno. "O grau de

incerteza subjacente à actual projecção permanece particularmente elevado, nomeadamente no que se refere à magnitude e à persistência do abrandamento da economia global, ao novo nível em torno do qual estabilizarão os mercados financeiros internacionais, bem como ao impacto das medidas governamentais", refere o boletim do banco central. Esta consideração aplica-se também às projecções para 2010, ano para o qual o Banco de Portugal conta com uma subida de 0,3 por cento do produto interno bruto (PIB). As probabilidades de uma realização inferior à da projecção actual para o PIB são de 59 por cento para ambos os anos. Segundo o governador do BP, Vítor Constâncio, "as medida tomadas pelo Governo vão contribuir para atenuar a recessão", reconhecendo, porém, que "é dificil" quantificar o seu efeito na economia. Segundo o Boletim de Inverno, as actuais projecções assentam num conjunto de hipóteses sobre a evolução futura das variáveis de enquadramento da economia portuguesa, as quais reflectem a informação disponível até 11 de Dezembro e "têm por base diversos pressupostos relativos às taxas de juro, taxas de câmbio e preços das matérias-primas, assim como à evolução da actividade económica no exterior e às suas implicações sobre a procura externa dirigida às empresas nacionais". O banco central reconhece, ainda, que "existe claramente a possibilidade de a actual crise financeira se revelar mais prolongada e mais profunda do que o admitido no enquadramento externo de projecção, implicando um maior impacto sobre a actividade económica mundial, quer sobre as economias avançadas, quer sobre as economias de mercados emergentes".

EMPRESÁRIOS Cooperação ibérica

# **Projectos** estruturantes têm de avançar

Empresários portugueses e espanhóis consideram que a actual crise económica não deverá ser obstáculo ao avanço, por parte dos governos dos dois países, dos investimentos que estavam previstos para novas infra-estruturas.



m dos apelos contidos no documento de conclusão do encontro empresarial luso-espanhol que reuniu, em Madrid, responsáveis de algumas das maiores empresas ibéricas, de vários sectores, foi o avanço dos projectos estruturantes previstos pelo governos dos dois países, a despeito da crise económica com que ambos se confrontam. Promovido pela Confederação Espanhola de Organizações Empresariais (CEOE) e pela Associação Industrial Portuguesa (AIP), o encontro analisou alguns dos temas mais permanentes do relacionamento ibérico, incluindo o mercado de energia e a cooperação transfronteiriça. Naa conclusões, os empresários apelaram a que "a crise económica não afecte os projectos estruturantes que favoreçam o reforço da cooperação empresarial entre ambos os países, sobretudo que não afectem os projectos de investimento em infraestruturas". Trata-se, na opinião dos empresários, de "peças fundamentais para a melhoria da competitividade" de Portugal e da Espanha. Para isso, sublinham, é necessário "aumentar a competitividade das empresas através de reformas estruturais", que devem ser aplicadas rapidamente, nomeadamente em sectores como fiscalidade, energia, mercado de trabalho, formação profissional, investigação e desenvolvimento e inovação. Ao mesmo tempo, os empresários solicitam que o apoio para solucionar os problemas da falta de liquidez, sobretudo das pequenas e médias empresas (PME), "seja concretizado nos projectos de cooperação bilateral, por medidas de discriminação positiva através de incentivos, e, entre estes, especialmente os de natureza fiscal". O texto pede ainda "medidas fiscais concretas de apoio aos processos de fusão entre empresas dos dois países" e que Portugal e Espanha "promovam um enquadramento regulatório que favoreça a criação de empresas e o desenvolvimento". Essencial, sublinham os empresários, é apoiar consórcios luso-espanhóis no contexto de parcerias público-privadas, "incluindo instrumentos financeiros adequados a estas operações".

Gerardo Diaz Ferran, presidente da CEOE (Confederação Espanhola de Organizações Empresariais) e Jorge Rocha de Matos, presidente da AIP (Associação Industrial Portuguesa), destacaram a importância do encontro para analisar temas "cruciais" nos laços bilaterais.